

A RELIGIÃO DE LICHTENBERG

THE RELIGION OF LICHTENBERG

Bento Itamar Borges^()*

RESUMO

G. C. Lichtenberg (1742-1799) foi um cientista experimental e professor de física, em Göttingen, Alemanha, onde exerceu intensa atividade como editor e crítico. Deixou diversos cadernos de aforismos, que só foram publicados e estudados depois de sua morte. Sua orientação intelectual iluminista o levou a professar um tipo de deísmo, o que, associado a sua verve de cronista espirituoso, resultou em inúmeras notas críticas sobre a fé e a religião. Este artigo apresenta a crítica de cinco tradutores e editores da obra de Lichtenberg e traz uma amostra de aforismos em tradução direta do alemão.

PALAVRAS-CHAVE: Lichtenberg. Religião. Fé. Deísmo.

ABSTRACT

G. C. Lichtenberg (1742-1799) was an experimental scientist and a physics teacher, at the Göttingen University, Germany, where he pursued an intense cultural activity in fields such as publishing and critics. He left several manuscript volumes – his so called “Wastebooks” – with aphorisms and biographical sketches, which were only published after his death. His illuminist intellectual orientation led him to profess a kind of deism and this, in association with his satiric spirit, inspired him to write several critical notes on faith and religion. This paper aims to present the opinion and evaluation of five prominent editor and translators. As an appendix, a sample of some freshly translated Lichtenberg’s aphorisms will be offered to the readers, on the topics faith, religion and God.

KEY-WORDS: Lichtenberg. Religion. Faith. Deism.

APRESENTAÇÃO

*“Há pessoas que podem acreditar em tudo que elas querem;
essas são criaturas felizes”.*

(Lichtenberg)

^(*) Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000) e Pós-doutorado em Filosofia pela PUCRS (2006). Foi bolsista do DAAD, na Alemanha (1993-1994). Leciona desde 1979 na Universidade Federal de Uberlândia, onde é Professor Associado IV, atuando na graduação e no mestrado, onde orienta pesquisas sobre a esfera pública e outros temas da teoria crítica. E-mail: bentoib@gamil.com.br; bentoib@ufu.com.br

Este artigo é uma versão adaptada de uma conferência apresentada em Brasília, em maio de 2012. O evento, organizado pelo Grupo de Pesquisa em Filosofia da Religião, no âmbito do Departamento de Filosofia da UnB, apresentava-se sob o seguinte título: “Religião, política e arte – alguns recortes acerca do contexto filosófico germânico dos séculos XIX e XX”. Lichtenberg *não* viveu nos séculos pretendidos originalmente por aquele evento de Filosofia da Religião, o XIX e o XX, pois morreu em 1799. Todavia, se considerarmos que os aforismos dele só foram publicados depois de 1806 e só foram de fato estudados em meados do século XX, então Lichtenberg interessa tanto à filosofia moderna quanto à época contemporânea. E ele merece ser lido não apenas para servir de testemunho ou de sintoma de uma época, que é a mesma de Kant, Herder, Goethe e tantos outros. Na verdade, Lichtenberg é referido por muitos como o “mestre dos aforismos”, mas isso ainda é muito pouco; continuará desconhecido se não for assumido como pensador relevante e deveras original.

Embora não me proponha a fazer uma leitura estritamente filosófica de trechos de Lichtenberg, tenho me empenhado no Brasil em mostrar que ele foi, sim, *um filósofo* – além de matemático, físico teórico, cientista experimental, crítico literário, editor, etc. – mas, sobretudo, para o material escrito que nos interessa, foi ele um autor espirituoso, um crítico genial, um hipocondríaco “multi-mídia” e um professor muito estimado em sua cidade.

A *abordagem* deste artigo é modesta: a do tradutor que se vê também encarregado de apresentar um autor pouco conhecido. Poderei citar, todavia, outros tradutores e editores que tiveram esse duplo papel, o que implica em oferecer ao leitor algum estudo introdutório. O trabalho braçal e ingrato do tradutor leva-nos a estabelecer as bases para a crítica de outras recepções. Considero, por exemplo, descabida a abordagem de alguns alemães protecionistas, que querem submeter a um tratamento extremamente acadêmico aquele que foi, ao lado de Kierkegaard, um dos grandes exemplos de combate ao academicismo. com Nosso autor não fez piada quando escreveu sobre física, mas tampouco esperava uma tese sobre suas observações deliberadamente jocosas e irreverentes.

O plano de exposição a seguir visa, portanto, apresentar Lichtenberg de volta a ele mesmo: começar pelos estudos, passar pelos comentários de tradutores e encerrar com nossa opinião, ilustrada por alguns aforismos pertinentes ou alusivos. Algumas referências históricas e biográficas aparecerão nas seções que compõem este artigo.

Lichtenberg é pouco conhecido. Por isso mesmo dei atenção a uma rara coincidência – e sei que há nisso um tipo de *superstição*: enquanto eu preparava a conferência aqui referida, encontrei em uma singela revista de palavras cruzadas, uma frase de Lichtenberg. Para nossa dupla satisfação, ele foi ali apresentado como “filósofo alemão” e o tema da frase caía em nosso âmbito temático: “*Nenhuma invenção foi mais fácil para o homem do que a do céu.*”

I

1 ANÁLISES DE ESTUDIOSOS

1.1 WOLFGANG PROMIES¹

Promies e Albert Leitzmann são os dois mais importantes editores das obras de Lichtenberg. Entre 1967 e 1974, Promies publicou e comentou todos os cadernos deixados por Lichtenberg. E já antes disso, em 1964, obtivera grande sucesso com um livro ilustrado com imagens e documentos de nosso autor e de seu ambiente. O último capítulo, que não se refere especificamente à religião, retrata antes o clima intelectual da época chamada “Racionalismo Tardio”.

Lichtenberg escreveu em uma carta, em 1795: “*Não é o espírito, mas a carne que faz de mim um não-conformista*” – e se apresentava ali como um doente dos nervos transformado em eremita. Ora, essa frase é mais engraçada que verdadeira, segundo avalia Promies. Todavia, como algo se esconde no amargo gracejo, pode servir ao mesmo tempo como chave para compreensão de uma época.

Lichtenberg sofria mesmo era de uma individuação doentia, que o privava do controle de seu juízo. Nessa experiência, ele não esteve sozinho no decorrer de seu tempo. O estudo das biografias de contemporâneos põe a descoberto um homem que se animou a falar de uma patológica categoria de tempo: o diário de um hipocondríaco que se apresenta a si mesmo. A psicologia, filha predileta do racionalismo, bem intencionada como condutora à ordem no campo da alma, deixou irromper a desordem, para cujo domínio o racionalismo não era soberano. O Racionalismo Tardio tem pouco a ver com o pensamento racional auto-afirmativo, e tampouco podia ser amistoso com o movimento que simplesmente afirmava o irracional. Por causa de certos traços, com relação ao sonho, à superstição, à noção, à intuição, Lichtenberg já

¹ PROMIES, Wolfgang. *Georg Christoph Lichtenberg in Selbstzeugnissen und Bilddokumenten*. Hamburgo, Editora Rowohlt, 1964, p. 156-7

foi chamado equivocadamente de precursor do romantismo. Pelo contrário, trata-se antes de um *subjetivismo*, que foi vivenciado como *doença*, sofrida e não dominada. E, a propósito, acrescentamos ao texto de Promies que Lichtenberg tinha verdadeira ojeriza pela obra típica do romantismo desesperado; criticou repetidas vezes o jovem Werther suicida.

1.2 KURT BATT²

Em 1763, aos 21 anos, Lichtenberg foi morar em Göttingen. Nunca mais voltou a sua pequena aldeia Darmstadt. Desde 1714, quando o príncipe eleitor de Hannover tornou-se rei da Inglaterra (George I), Göttingen mantinha uma ligação direta com o poder inglês. Uma das vantagens dessa proximidade foi a fundação da Universidade Georgia Augusta, em 1737. A escola de Göttingen nascera sob o ideário iluminista, ou seja, sem o peso das instituições medievais e, sobretudo, livre da censura da faculdade de teologia;³ as ciências naturais é que estavam no centro da vida universitária e das pesquisas.⁴ Aos 31 anos, após realizar um demorado trabalho encomendado pelo rei George III – medições astronômicas e geodésicas na região de Hannover –, Lichtenberg volta a Göttingen, retoma suas atividades literárias e assume a defesa do filósofo judeu Moses Mendelssohn (1729-86) contra o proselitismo do cristão Johann Lavater. Com isso, defendeu “de forma altamente apropriada e jocosa” o ideal tipicamente iluminista da tolerância.

Kurt Batt antecipa aqui uma explicação sobre a “desesperança” que acometeu Lichtenberg nos últimos anos de sua vida, e essa é uma preocupação nossa aqui também, pois essa disposição de sua natureza pode insinuar leituras estritas e equivocadas de sua postura diante da religião. Batt destaca fatores objetivos como a desilusão das jovens inteligências na impotente Alemanha, logo depois da Revolução Francesa, com a escalada imperialista de Napoleão.

Além dos *aforismos*, que nunca publicou e nem identificou por meio desse termo, e de teses político-históricas, Lichtenberg participou de corajosas polêmicas por meio de cartas, que são testemunho de sua angústia e expressão

² BATT, Kurt. Nachwort [Posfácio], in: LICHTENBERG, *Aphorismen*. Insel Taschenbuch, 1976.

³ Cf. Kant, em *O conflito das faculdades*, sobre disputas acadêmicas chanceladas pelo rei entre a faculdade de filosofia e a de teologia.

⁴ NB: Em 1993 – e cremos que os números não mudaram muito – Göttingen tinha uma população de 130 mil habitantes, dos quais 35 mil eram estudantes. Por ali haviam passado uns quinze ganhadores de Prêmio Nobel – e esse número já chega hoje a 44. <<http://www.aerzteblatt.de/archiv/34034>>

de um “ateísmo quase radical, ao lado de ataques de superstição; entusiasmada alegria de viver, que se alterna com um ceticismo abissal”.⁵ Lichtenberg não pode ser, em sentido estrito, comparado aos moralistas franceses, como La Rochefoucauld,⁶ pois aqueles estilizaram a moral decadente da corte no período rococó, ao passo que Lichtenberg critica os reis e os nobres desde o lado de fora, da sociedade civil, como diríamos hoje.

A dicção de Lichtenberg “nunca é anêmica, pois ele enriquece sua língua com termos tirados de dialetos e usos da linguagem popular” e “muitas de suas observações ganham exatamente pelo contraste do objeto esotérico e a formulação relaxada da linguagem coloquial”. O resultado é um tom picante, uma exatidão “quase brutal”. Batt destaca como exemplo este aforismo de Lichtenberg: “*A leitura das odes, digamos com todo o respeito, faz arreganhar as ventas e esticar os artelhos.*”⁷

Concluindo seu estudo, Batt observa, com propriedade, que a Lichtenberg não interessavam nem o gênio, nem a cabeça coroada, mas o homem simples de seu tempo. Isso foi reconhecido pela cidade de Göttingen que instalou uma estátua de bronze em tamanho natural, sem pedestal, plantada no rés do chão, por onde caminhava entre a universidade e a casa que alugava do amigo e editor Dietrich. Longe das utopias e da auto-desilusão burguesa, Lichtenberg preferiu comprometer-se com a tolerância, sem perda de perspectiva; com a humanidade, sem sentimentalismo, e com a esperança, sem ilusão.

Anotamos pequenas discordâncias nossas em relação a Kurt Batt, quanto à falta de eventos na vida de Lichtenberg, pois, na verdade, fez muitas viagens, teve aventuras com mulheres, prezava seus inúmeros amigos, apreciava a bebida e a boa comida, manteve contatos com os grandes intelectuais de sua época, dedicou-se regularmente ao almanaque anual que publicava, cultivava seus jardins e, enfim, tinha diversas atividades, inclusive por curiosidade e diletantismo. cremos que Batt também exagera na análise e cai no jargão, ao lamentar que Lichtenberg não tenha chegado a ser um Lessing.⁸ Ora, que estranha avaliação

⁵ BATT, Kurt. Nachwort [Posfácio], in: LICHTENBERG, *Aphorismen*. Insel Taschenbuch, 1976, p. 282

⁶ François, duque de la Rochefoucauld (1613-1680), aristocrata francês que se envolveu em guerras e disputas políticas, autor de *Reflexões ou sentenças e máximas morais* (1664).

⁷ BATT, Kurt. Nachwort [Posfácio], in: LICHTENBERG, *Aphorismen*. Insel Taschenbuch, 1976, p. 298

⁸ Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), poeta, dramaturgo, filósofo e crítico de arte alemão, representante do Iluminismo e crítico do anti-semitismo; seu estudo sobre Laocoonte inovou a

seria dizer que Kant não chegou a ser Hegel! Ou, por acaso, então, teríamos que cobrar de Lessing conhecimentos mais amplos de eletricidade e de pára-raios?

1.3 PAUL LÖHNERT

Paul Löhnert estudou germanística e teologia católica em Bonn, defendeu tese sobre Lichtenberg e, aos 31 anos, escreveu o ensaio que aqui vamos citar, parte de um volume da revista de literatura *Text+Kritik*, dedicado a Lichtenberg (1992). O título bem arranjado é “Fé em Deus, fé na ciência, superstição: três sistemas de orientação e seu contexto em Lichtenberg”.⁹ Löhnert inicia sua análise com uma frase curta de Lichtenberg: “*Será então que nosso conceito de Deus não é apenas uma personificação da impossibilidade de agarrar algo por meio de conceitos?*” E em seguida avalia que pode parecer surpreendente que o autor dessa frase não tivesse fugido do catecismo; impossível, pois havia morado na casa paroquial. O teólogo e pastor Johann Conrad Lichtenberg ensinou ou quis ensinar as coisas da Bíblia a seus 17 filhos – e de modo especial ao caçula Lichtenberg – além de mostrar a eles, através da natureza, o “arranjo do edifício do mundo”. Como foi, então, que essas aulas, marcadas pela profissão eclesiástica do pai não produziram naquele garoto nenhuma imagem divina bíblica concreta, mas antes essa desanimadora “definição” de Deus, com o paradoxo de sua incompreensibilidade?

O Lichtenberg adulto, cientista e professor de ciências naturais, dificilmente veria a natureza como meio de transição para a transcendência, pois o mundo físico era antes um sistema cheio de mistérios que devia ser descrito com regras matemáticas aceitáveis e que só funcionariam na imanência – e nisso seguia aproximadamente o mesmo padrão de Copérnico, Kepler e Galileu, até Newton: causalidade mecânica de um mundo determinado por leis eternas. Essa mentalidade, todavia, tangenciava a questão Deus em termos do “construtor do universo que o coloca em movimento, como um imenso relógio”. Daí a dificuldade de nosso autor diante da intervenção divina por meio de milagres. E por essa mesma razão relutava em aceitar profecias, revelações e a humanização de Deus, em Jesus Cristo – o que seria também uma intervenção no mecanismo em movimento.

reflexão na estética.

⁹ LÖHNERT, Paul. Gottesglaube, Wissenschaftsglaube, Aberglaube: drei Orientierungssysteme und ihr Zusammenhang bei Georg Christoph Lichtenberg. *Text+Kritik: Zeitschrift für Literatur*. (Ed. Heinz Ludwig Arnold). Munique, Text+Kritik, 1992, n. 114, p. 27-38

A visão fiscalista de mundo, conforme esboço de Löhnert, forma o pano de fundo para a avaliação da Bíblia, sobre a qual Lichtenberg escreveu: “*Nossos teólogos querem, por meio da violência, fazer da Bíblia um livro em que não haja o menor bom senso*”. Löhnert poderia acrescentar, como eu proponho, que Lichtenberg reage diante da Bíblia como grande leitor e crítico das obras de sua época. Encara a Bíblia como obra humana, que deve ser explicada como um livro comum, pois em consonância com o princípio imanente da ciência da natureza, a Bíblia não pode ser a “palavra de Deus”. Ora, qual seria então a única revelação divina no homem? A razão.

E, embora não me pareça de modo algum plausível referirmo-nos ao “kantismo de Lichtenberg”, acrescento aqui que ele adota uma distinção que encontramos nas críticas de Kant: podemos até pensar na existência de Deus e na imortalidade da alma, mas tais coisas são incognoscíveis; “são ligações de pensamento, jogos de palavras, que não precisam de algo objetivo que lhes corresponda”.¹⁰

Todavia, eis uma importante ressalva na análise de Löhnert, com base em uma impressão bastante procedente: Lichtenberg resolve a questão Deus a sua maneira – brilhante e criativa -, ao reconhecer o limite da razão, pois esta não domina sozinha esse complexo de problemas. Lichtenberg confronta suas considerações racionais com uma outra importante instância que nele se manifesta: o seu... coração. Sim, confirma Löhnert, o coração. E nisso aproxima Lichtenberg e Pascal, ao recordar a conhecida frase do filósofo francês sobre as razões do coração “que a razão não conhece”. Nesse ponto, a frase inicialmente citada por Löhnert parece perder parte do impacto, já que ao coração o impossível não causa espanto: “Aliás, nosso coração reconhece um Deus, e é certamente difícil, para não dizer impossível, tornar isso compreensível para a razão.”¹¹

Do coração para a fé, o passo foi curto (como não seria na direção da razão), embora talvez com isso Lichtenberg não agradasse certos pastores: “*A fé em Deus é instinto; ela é natural ao homem como andar sobre duas pernas[...]*”¹²

¹⁰ LÖHNERT, Paul. Gottesglaube, Wissenschaftsglaube, Aberglaube: drei Orientierungssysteme und ihr Zusammenhang bei Georg Christoph Lichtenberg. *Text + Kritik: Zeitschrift für Literatur*. (Ed. Heinz Ludwig Arnold). Munique, Text + Kritik, 1992, n. 114, p. 29

¹¹ LÖHNERT, Paul. Gottesglaube, Wissenschaftsglaube, Aberglaube: drei Orientierungssysteme und ihr Zusammenhang bei Georg Christoph Lichtenberg. *Text + Kritik: Zeitschrift für Literatur*. (Ed. Heinz Ludwig Arnold). Munique, Text + Kritik, 1992, n. 114, p. 29

¹² LÖHNERT, Paul. Gottesglaube, Wissenschaftsglaube, Aberglaube: drei Orientierungssysteme

A fé em Deus assume uma “função existencial”, pois o homem precisa de coragem para enfrentar a dor e a solidão. A fé vale também como uma certa aposta de que a rede de “causalidade sem lacunas”, descrita pelas ciências naturais, estivesse aberta para o sobrenatural. E é também a partir dessa necessidade existencial que o cristianismo e seu Deus permanecem presentes em Lichtenberg, embora de maneira variada: ele rezava de vez em quando e tornou-se cada vez mais tocado por corais de igrejas e sinfonias de sinos, além, é claro, da certeza de um compromisso moral – apesar de toda a dúvida intelectual. Todavia, é hora de lembrar sua mentalidade iluminista, que também guiava seu século e a comunidade científica da qual participava.

Devemos acrescentar que, embora rezasse pouco e quase não freqüentasse igrejas, nosso autor sempre apelava a interjeições e apelos do tipo “graças a Deus!” e “pelo amor de Deus!” Trazemos aqui duas hipóteses sobre esse ponto, apesar de não fazer publicamente a imagem do devoto. A vida religiosa de Lichtenberg era tão secreta quanto seus cadernos de notas, que nunca publicou. E talvez sua formação religiosa tenha tido, sim, influência do pai; mas como o velho pastor morrera quando Lichtenberg tinha apenas nove anos, estacionou ali uma certa visão infantil da religião, sem a correspondente formação amadurecida para a fé. Além disso, talvez seja oportuno lembrar uma marca profundamente problemática: o nome do meio de nosso Lichtenberg era *Christoph* – aquele que carrega Cristo. E aqui não temos espaço e nem psicanálise suficiente para explorar até onde foi esse processo de assumir o peso do nome, “Cristóvão”.

A segunda parte do ensaio de Löhnert, que extrapola nosso artigo, não pode ser apresentada como uma contrapartida, mas antes como expressão do mesmo padrão de conduta: Lichtenberg “superestima a ciência e seus protagonistas até o endeusamento e a sacralização”¹³, mas não lhe faltam dúvidas corrosivas e crises de sentido, no trabalho científico e universitário. Enfim, segundo Löhnert, diante das ciências, os paralelos com a fé religiosa são evidentes.

Ora, se o parágrafo anterior pode parecer um escândalo, diante dos ideais iluministas, o que dizer então das “superstições” de Lichtenberg? Löhnert destaca primeiramente situações em que nosso autor tinha que tomar uma de-

und ihr Zusammenhang bei Georg Christoph Lichtenberg. *Text+Kritik: Zeitschrift für Literatur*. (Ed. Heinz Ludwig Arnold). Munique, Text+Kritik, 1992, n. 114, p. 30

¹³ LÖHNERT, Paul. Göttesglaube, Wissenschaftsglaube, Aberglaube: drei Orientierungssysteme und ihr Zusammenhang bei Georg Christoph Lichtenberg. *Text+Kritik: Zeitschrift für Literatur*. (Ed. Heinz Ludwig Arnold). Munique, Text+Kritik, 1992, n. 114, p. 31

cisão, mas sentia ali a concorrência da mão do destino. Por exemplo, planejava de fato longamente uma viagem à Itália, da qual, por fim desistiria. Certa vez, escreveu sobre um sortilégio que lançou com a chama de uma vela: se a vela se apagasse, em uma certa circunstância, isso significaria viajar ou não viajar mais. E está claro que não havia qualquer conexão entre os dois âmbitos “objetivos”, e isso piora com o evento presente servindo de sinal para um possível evento no futuro. Ele busca sinais, mas também manifesta sua preferência, sua torcida por uma “decisão”, diante da qual não se põe indiferente. Sua superstição passa de uma instância de questionamento para aquela que afirma e consola, sobretudo, conforme entende Löhnert, depois da perda do Deus solícito – efeito de uma ciência natural, que não nos ampara nem consola.

Lichtenberg sabia, porém, que não era o primeiro filósofo a manifestar e admitir tal comportamento supersticioso; estava na boa companhia de Rousseau, sobre quem escreve:

Não é um traço excelente do caráter de Rousseau em suas Confissões, onde diz que atirou pedras em árvores, para saber se seria salvo ou condenado? Grande Deus, quantas vezes fiz coisas parecidas! Sempre preguei contra a superstição e sou sempre o mais terrível intérprete de meus próprios sinais. Quando N... jazia morto, tirei a sorte pelo vôo dos corvos, para me consolar na hora da despedida. Eu tinha diante de mim, quando estava à janela, uma alta torre sobre as quais muitos corvos pousavam. Será que viriam da esquerda ou da direita? Vieram da esquerda e aí eu me senti reconfortado. Todavia, a verdade é que eu não tinha estabelecido ao certo a qual dos lados da torre cabia ser chamado esquerdo. Rousseau foi primoroso ao empenhar-se em procurar uma árvore bem grossa, que ele então dificilmente erraria. (LICHTEBERG, 1976).

Embora possa algum leitor atual estranhar a ousadia de Lichtenberg, a verdade é que ele envolveu até mesmo o arredo Kant nessa conversa sobre a superstição. Em uma carta de dezembro de 1798, nosso cientista confessa:

Foi engrandecido e muito desta vez o contentamento que me trouxe o tempo todo cada linha vossa que conservo, por causa de uma situação que veio a calhar com minha pequena superstição caseira: sua admirável carta foi datada de primeiro de julho, que é o dia de meu aniversário. O Sr. certamente riria, se eu vos pudesse apresentar toda a brincadeira que minha fantasia promoveu com esse acontecimento. É obviamente compreensível que eu interprete aí tudo em vantagem para mim. Eu ri disso no fim das contas, e, claro, às vezes também no decorrer, e com isso volto a rir daquilo tudo ainda agora. Antes que a razão, penso eu, se aposse do campo junto às pessoas, sobre ao qual ainda germinam de vez em quando esses brotos, já crescem no mesmo lugar muitos que crescem até se tornar árvores, que por fim terão honrada e santificada sua idade. Agora não se vai simplesmente nessa direção. Mas, na verdade muito me alegra, meu caríssimo, que justamente diante do Sr. eu seja pego de surpresa a confabular nessa

superstição, que dá testemunho também da veneração, que vem de um lado, da qual, exceto o Deus kantiano, todo o restante provém.” (LICHTENBERG, 1976).

O comportamento contraditório de Lichtenberg sujeita-se a um todo harmônico, caso tomemos como ponto de partida sua necessidade religiosa específica: *busca de salvação e segurança, livrar-se do medo, falta de consolo, encorajamento na dor* – para tudo isso, bastava outrora a fé em Deus, no Deus prestimoso dos dias de menino. E com certeza, as ciências naturais, que ajudava a desenvolver e conhecia bem, não lhes trariam essas respostas que lhe servissem de orientação. Ele amarra de maneira espantosa a representação da felicidade humana *não* com o reto pensar e a consciência verdadeira, mas com uma fé que não se subordina ao juízo da razão: “Há pessoas que podem acreditar em tudo que elas querem; essas são criaturas felizes.” (LICHTENBERG, *Aphorismen*, 1976). É bom lembrar que é católico o comentarista prestigiado na seção que aqui se encerra. É notável sua generosidade e sua paciência com Lichtenberg, que não poupou a igreja católica em seus ataques. Löhnert acertou ao concentrar-se mais nos temas da teologia que na crítica das instituições e, de fato, essa frase bem poderia ser uma divisa, um lema de vida para muitas pessoas livres e corajosas – e não apenas conformadas ou revoltadas.

2 COMENTÁRIOS DE TRADUTORES

2.1 JUAN VILLORO

O tradutor mexicano Juan Villoro¹⁴ escreveu um estudo introdutório de 70 páginas para sua seleção de aforismos de Lichtenberg, reunidos por temas. O estudo leva o título “Voz no deserto” e com isso nos remete a São João Batista – que não se define como profeta, ao ser pressionado pelas autoridades, mas cita o profeta Isaías.¹⁵

A apresentação de Villoro destaca, em 16 seções, quadros da vida de Lichtenberg, desde a infância curiosa, os almanaques, as mulheres, até a chave geral de leitura dos aforismos: a *leitura no espelho*, pois o leitor poderia mirar-se no texto de Lichtenberg, como num espelho. A penúltima seção, “luz provisória”, não trata de religião, mas nos ajuda a chegar ao tema, através das

¹⁴ LICHTENBERG, G.C. *Aforismos*; trad. e notas Juan Villoro. México, Fondo de Cultura, 1992 (1ª impr. 1989)

¹⁵ Evangelho de São João, 1:23

justificativas que orientaram a seleção do mexicano e, sobretudo, é um balanço sobre a vastidão dos escritos de Lichtenberg:

*ao fazer uma antologia dos cadernos, não é difícil descartar centenas de páginas que se referem à fisiognômica e às ciências naturais, os jogos de palavras intraduzíveis, os aforismos que não dizem nada sem uma explicação que os acompanhe [...]. Uma vez eliminado esse material, poder-se-ia fazer diversas seleções de mil páginas cada”.*¹⁶

E prossegue, admitindo que “propor uma ordem de leitura é já uma maneira de interpretar”. O tradutor mexicano considera que só o cap. III, que intitulou “Sacerdote de si mesmo”, é marcado por seu momento histórico: “a crítica à igreja católica e o relativo apreço pelos protestantes estão marcados pelo clima da época. O importante, de novo, é o templo pessoal de Lichtenberg”.

Podemos discordar dessa opinião restritiva sobre a influência da época, pois é visível que, por exemplo, a experiência de vida na Inglaterra e, depois, a decepção com Revolução Francesa, marcaram profundamente alguns cadernos de notas – ou seja, a periodização é relevante. E preferiríamos ler e apresentar os aforismos de Lichtenberg na mesma ordem cronológica dos “cadernos ensebados” (*Sudelbücher*) que ele deixou sem publicar. Todavia, Villoro foi muito feliz com essa imagem do “templo pessoal”, até porque, além de definir com uma boa imagem o deísmo¹⁷ em geral, também reconcilia com a verdade da teologia aqueles que evitam igrejas e sacristias, já que cada um é um templo (do Espírito Santo, diriam os católicos). Todavia, para os deístas, se a fé é uma aposta, parece mais razoável arriscar cada um por sua conta e sem pagar o dízimo.

2.2 CHARLES LE BLANC

O canadense Charles le Blanc¹⁸ realizou um trabalho grandioso, em vários sentidos, o que inclui uma *leitura filosófica* de Lichtenberg, acrescida de extensas e fartas notas. Seu estudo introdutório tem 85 páginas, um quarto

¹⁶ LICHTEBERG, G.C. *Aforismos*; trad. e notas Juan Villoro. México, Fondo de Cultura, 1992 (1ª impr. 1989), p. 75

¹⁷ Doutrina que considera a razão como a única via capaz de nos assegurar da existência de Deus, rejeitando, para tal fim, o ensinamento ou a prática de qualquer religião organizada [O deísmo difundiu-se principalmente entre os filósofos enciclopedistas e foi o precursor do ateísmo moderno.] Ver HOUAISS, *Dicionário eletrônico da língua Portuguesa*.

¹⁸ LICHTEBERG, *Le miroir de l'âme*; trad. Charles Le Blanc. 2 ed. Paris, Livraria José Corti, 1997. Toda esta seção baseia-se no estudo de Le Blanc aqui citado. O autor do artigo procurou indicar suas discordâncias pontuais.

das quais dedicadas ao tema *religião*, além de outros, que lhe dão suporte. Eis alguns subtítulos de seu plano geral no estudo: “Contra o academicismo”; “Os combates de Lichtenberg: O humanismo da *Aufklärung*; Combate entre intolerância e fanatismo; Combate pela razão e contra o sentimentalismo; Combate pela ciência e contra a erudição”; “Pensamento filosófico: Influências e questões principais; A origem de nossas idéias” (inclui: o sonho; o kantismo de Lichtenberg; Lichtenberg e Spinoza; O livre-arbítrio, etc.); “Da religião: Situação; Deísmo; O anti-semitismo de Lichtenberg”; “A política” e, por fim “O homem.”

Ora, de novo, podemos discordar desse elenco de temas – assim como outros poderiam discordar de nossas preferências e omissões nessa e noutras empreitadas –, pois, por exemplo, o *homem Lichtenberg* – e vale dizer o *macho Lichtenberg* – perpassa todos os temas e trechos. O “homem” não pode ser um conceito final, um ponto de chegada, que garanta uma unidade, perdida ou desprezada deliberadamente no gênero aforismo. E para isso Lichtenberg deixou uma excelente concepção vazada em inglês: “*The whole man must move together*” – o homem deve se mover por inteiro. Todavia, não podemos negar o movimento, a inquietação, a ansiedade. Em tempo, uma ressalva e um desacordo com Le Blanc: não faz sentido anunciar um kantismo de Lichtenberg, nem mesmo no sentido negativo, pois suas críticas a Kant não consideravam um movimento que se tornaria forte muito depois e nem se contrapunham a essa tendência, de maneira organizada, como alternativa sistemática.

Vamos, então, destacar o capítulo de Le Blanc sobre religião. As luzes alemãs manifestavam uma confiança na razão, enquanto instrumento que permitia resolver problemas que se apresentavam à inteligência humana. O ceticismo de Lichtenberg é sua rejeição do livre-arbítrio, que testemunha o espírito crítico e a discussão característica da *Aufklärung* e queria ser também uma crítica da autonomia do pensamento no domínio das ciências e da moral. Na medida em que a filosofia prática de Kant implicava a autonomia da vontade, Lichtenberg devia rejeitar a moral kantiana. É difícil aqui separar ainda a unidade no pensamento moral e religioso de Lichtenberg, mas é possível traçar três grandes constantes: que *existe um Deus*, que *Deus está presente em todas as coisas*, que *a fê se exprime pela justiça e pela caridade*.

Lichtenberg, por conseguinte, não é ateu, mas com a maturidade, a ideia de Deus se transforma, ao deixar de ser a idéia do Deus-Providência que nos consolava em nossa juventude. Sobre o deísmo, Le Blanc entende que a

ideia de um Deus pessoal e de uma igreja instituída responde a uma necessidade prática colocada pelas diferenças entre os homens. E sucede que a *religião de Lichtenberg*¹⁹ é um deísmo racionalista que entende que a verdade da religião pode ser transmitida pela revelação, pois ele é acessível à razão. Esse deísmo racionalista se exerce no domínio moral, mas não na metafísica, pois a razão não pode prever a existência de Deus. A prova, fundada sobre a ordem da natureza, por exemplo, não é o indício da existência de um Deus sábio e organizador, mas é a prova de existência de nosso pensamento. O homem moral não pode absolutamente venerar Deus por outros meios senão ao cumprir seu dever e ao agir segundo as leis que a razão lhe deu.

No deísmo de Lichtenberg ocorre o esforço de tornar compreensíveis, ou seja, aceitáveis pela razão, os dogmas religiosos. O bem é racional e assim é porque a revelação é redutível à razão. E a palavra de Deus não está fora da razão. Uma das conseqüências desse deísmo racional é reconduzir a consciência moral à razão, o que explica as reflexões mordazes sobre os milagres, a idiotice dos crédulos e sobre a religião que se transforma muito rapidamente em aparelho de propaganda para o dogmatismo e a superstição, sobretudo entre católicos.

A ortodoxia vai contra a razão e contra a natureza humana, mutável e inconstante. A reforma é o momento em que a razão jogou luz sobre a fé, salvando-a do dogmatismo romano e do totalitarismo papal: a pretensão católica de encarnar o cristianismo original é ridícula. Lichtenberg deplorava a religião que se resumia muito freqüentemente a um compromisso social dominical.

Podemos, com razão, supor que o tradutor Le Blanc não seja católico e nem indiferente; pelo contrário, favorece ao máximo a figura de Lutero – atitude muito diferente da de Lichtenberg, que distribuiu críticas e condenações a pastores e devotos de todas as denominações e credos. Segundo Lichtenberg, a diferença entre o homem religioso e o deísta reside nisso: o primeiro crê que o sentimento é a origem do mundo, o segundo sustenta que se trata da razão. A religião tem por dever apaziguar as consciências – e eis que a de Lichtenberg é inquieta, meio paranóica, sofrida e contraditoriamente supersticiosa – a fim de adquirir alguma confiança, coragem e força para o combate.

¹⁹ Ao ler essa expressão no texto de Le Blanc resolvi adotá-la como novo título da referida conferência, que deu origem a este artigo.

1.3 MEUS COMENTÁRIOS DE TRADUTOR

É hora de dizer que não busco a filosofia estrita em Lichtenberg, também porque eu não sou apenas um professor de filosofia que finalmente, prestes a se aposentar, tem a coragem de se anunciar como filósofo; é que sou a vida toda um desenhista de caricaturas, um cartunista, que conhece grande parte dos chargistas brasileiros e que já manteve tiras em jornais regulares e já militou no movimento sindical dos professores, com a caneta e a visão dos contrastes e trocadilhos. Na Alemanha, para me distrair ou me aquecer, traduzi também muitas páginas ilustradas de Wilhelm Busch, que criou uma dupla de moleques, que são os pais de Hans e Fritz, avôs dos Escrotinhos, personagens de nosso desenhista Angeli. E também gosto de um gibi alemão atual, o *Werner*, que também leio e eventualmente traduzi para alunos de alemão. Ou seja, *não* pretendo estudar Lichtenberg e nem conferir sua importância para a história da física, da matemática, da recepção do kantismo. Enfim, foi por acaso que topei com um Lichtenberg de bronze, numa rua de Göttingen, em 1993. Depois comprei no sebo um livro de aforismos dele, esse organizado por Kurt Batt. Em 2001, comecei a traduzi-los e a divulgá-los com diversas peripécias e algumas recusas em nossa academia acanhada. Mas continuei, sem querer fazer de Lichtenberg nem mais nem menos do que ele foi, pois também Montaigne esperava *ser compreendido pelos leitores de sua iguala* – e nisso excluía os eruditos metidos a sabe-tudo e os ignorantes, satisfeitos com sua minguada cota de bom-senso.

II

SELEÇÃO DE AFORISMOS DE LICHTENBERG

- > Querer deduzir muitas coisas a partir da sabedoria divina não é muito melhor que fazê-lo por meio de sua própria razão.
- > Os homens não fazem nenhum sacrifício sem esperarem algo; daí decorre o acúmulo de prêmios no céu, flagelos e coisas desse tipo. A filosofia do homem comum é a mãe da nossa filosofia; de sua superstição poderia surgir nossa religião, assim como nossa medicina teria vindo de seu conhecimento de remédios caseiros.[...]
- > Os católicos não pensam que a fé dos homens também se modifica, assim

como, aliás, os tempos e os conhecimentos humanos. Crescer aqui e deixar quieto ali é impossível. A verdade também precisa de uma nova roupagem para ficar atraente aos novos tempos.

- > “Deus criou o homem a sua imagem” significa, por suposto, que o homem é que criou Deus conforme a sua.
- > Então, que Deus tenha pena daqueles abençoados por Deus.
- > É ao apreço quase sempre estúpido diante de velhas leis, dos antigos costumes e das velhas religiões que devemos agradecer por todo o mal deste mundo.
- > Custa-me acreditar na possibilidade de provar que fomos obra de um ser supremo e não, ao contrário, o passatempo montado por um ser muito imperfeito.
- > Como viram que não lhe poderiam implantar uma cabeça católica, então limitaram-se a derrubar sua cabeça protestante.
- > Os cristãos com tanga de couro (maçons).
- > Os católicos e os outros homens.
- > Também eu li muitas vezes com encantamento minha prosa a descrever sentimentos, que cobria meu mortal invólucro com um arrepio lascivo; eu acreditei ouvir os passos do Todo-poderoso na cabeça e nos corações protestantes no átrio de um templo católico na hora da música sacra e sob a trovada dos carrilhões chorei lágrimas devotas. Com inefável volúpia, recordo ainda o dia, quando na Abadia de Westminster, caminhei sobre as cinzas dos reis e recitei comigo mesmo as palavras: “Antes que se formassem as montanhas, a terra e o universo, desde toda a eternidade vós sois Deus.”²⁰
- > Seria isso um pecado? Tanto quanto pular uma janela e roubar maçãs.
- > Uma questão de preço endereçada ao céu.
- > O leite do catecismo.
- > Eu não preciso da palavra “diabo”, que aparece freqüentemente em minha humilde obra, no sentido em que a toma o homem comum, mas, sim,

²⁰ Salmos, 90:2

como fazem os filósofos recentes, para manter a paz em todas as seitas; assim, é mais comparável com x, y, z dos estudiosos de álgebra, ou seja, uma grandeza desconhecida.

- > Estou convencido de que se um dia Deus criasse um homem, tal como o imaginam os *Magistri* e professores de filosofia, deviam levá-lo de imediato para o hospício. Pode-se elaborar daí um tipo de fábula: um professor pede à Providência para fazer de si um homem à imagem de sua psicologia. Ele o consegue, mas a criatura é levada para a casa de loucos.
- > Doutorar-se é como ser levado à crisma; confirmação do espírito.
- > Assim como pintam um zero sobre a cabeça dos santos.
- > Então eles queriam mandar os católicos para o céu com tiros de canhão?
- > E aí um dia os anjos darão boas risadas.
- > Algumas pessoas travessas afirmaram que, assim como não haveria ratos onde não criassem gatos, tampouco haveria possessão diabólica onde faltasse exorcista.
- > Além de seu rebanho espiritual, que ele desinteirava um pouco, onde podia, tinha ele 200 cabeças andando pelo prado e que ele regularmente tosquia.
- > De fato, não mandamos mais bruxas para a fogueira. Por outro lado, queimamos toda carta em que uma dura verdade seja dita.
- > Quando leres a história de um grande assassino, em vez de amaldiçoá-lo, agradeça sempre ao bondoso céu, por não haver colocado tua cara honesta no começo de uma tal série de circunstâncias.
- > (Lion) ²¹ Isso se passou provavelmente a menos de dois anos em... [...] Não podia mais desde seus dezesseis anos se convencer de que Cristo fosse Filho de Deus; isso se lhe tornou tão familiar e fundiu-se tanto a ele que era absolutamente impensável admitir aquilo. Ele só lamentava que Cristo mesmo não tivesse deixado nada escrito e não nos desse mais notícias sobre José de Arimatéia. Sabia muito bem o que pode fazer um fanático piedoso com coisas assim. [...]

²¹ Lion é um pseudônimo de Lichtenberg, para esse esboço de uma autobiografia, que não foi concluída.

- > Naquele tempo, eu brincava de ateu, em sociedade, meramente por *exercitii gratia*.²²
- > A expressão *Culto ao Senhor* deveria mudar e não mais ser usada para as idas à igreja, e sim para boas ações, tão somente.
- > Era um primor de garoto; quando ele nem tinha seis anos, já podia rezar o Pai Nosso de trás para frente.
- > Nós, os excomungados por Deus: os assalariados, os servos, os escravos, os serviçais que trabalham por eito, etc.
- > Torres de igreja: funis invertidos para levar a oração aos céus.
- > Eu creio que muita gente, ocupada em educar para o céu, omite a educação terrena. Eu devia pensar que o homem agiria da maneira mais sábia, se ele antes se permitisse ficar por inteiro em seu lugar.[...] Sim, se tivéssemos a ver com pessoas sinceras (Deus nos livre e guarde), que todo domingo ia à igreja e recebia a hóstia!!
- > Ele se apaixonara pelo querido Deus.
- > É sem dúvida impossível introduzir uma nova religião, tão eficaz quanto a dos cristãos. Por isso, permaneçam aí e agüentem assim, de preferência, pois com certeza também as palavras de Cristo são de tal maneira constituídas que, enquanto o mundo for mundo, a gente pode alcançar o máximo dos bens.
- > Entre os católicos, as pessoas comuns preferem rezar a um santo ou dirigir suas rezas a ele em vez de falarem com o querido Deus, da mesma maneira que os camponeses preferem sempre se agarrar a seus servos. Aves de mesma plumagem se juntam no mesmo galho.²³
- > Se o céu achasse necessário e útil relançar a mim e minha vida em nova edição, queria então comunicar aos lá de cima algumas notas nada desprezíveis, que dizem respeito principalmente ao desenho do retrato e ao projeto geral.

²² Só por esporte ou "just for fun".

²³ Ditado alemão, que equivaleria a "birds of feather flock together" – pássaros com penas da mesma cor se juntam em um mesmo bando.

- > O que na verdade torna o céu tão agradável aos pobres é pensar que lá reinará a igualdade de condições.
- > E com ira mansa (suave), ele pregava a força da fé católica, a única capaz de salvar as almas.
- > Não é a pregação feita dentro das igrejas que vai tornar desnecessário o pára-raios instalado em cima delas.
- > O querido Deus com seus vassalos. Em vez de uma monarquia divina, temos por ora um sistema feudal.
- > Acreditaís, pois, que o bom Deus seja católico?
- > Fala-se muito de Esclarecimento e mais luz é o que se deseja. Meu Deus! De que adianta, porém, toda essa luz se as pessoas ou não tem olhos ou os deixam fechados de propósito?
- > Eu daria uma boa parte de minha vida para saber qual era a altitude média marcada no barômetro do paraíso.

REFERÊNCIAS

BATT, Kurt. Nachwort [Posfácio], in: LICHTENBERG, *Aphorismen*. Insel Taschenbuch, 1976.

LICHTENBERG, G.C. *Aforismos*; trad. e notas Juan Villoro. México, Fondo de Cultura, 1992 (1ª impr. 1989)

LICHTENBERG. *Le miroir de l'âme*; trad. Charles le Blanc. 2 ed. Paris, Livraria José Corti, 1997.

LÖHNERT, Paul. Gottesglaube, Wissenschaftsglaube, Aberglaube: drei Orientierungssysteme und ihr Zusammenhang bei Georg Christoph Lichtenberg. In: *Text+Kritik: Zeitschrift für Literatur*. (Ed. Heinz Ludwig Arnold). Munique, Text+Kritik, 1992, n. 114.

PROMIES, Wolfgang. *Georg Christoph Lichtenberg in Selbstzeugnissen und Bilddokumenten*. Hamburgo, Editora Rowohlt, 1964.

Recebido em 28/09/2012

Aceito em 07/12/2012